

Análise do Comércio Externo do Setor Elétrico e Eletrónico Janeiro – Dezembro 2025

1. Análise do Comércio Internacional - Economia Portuguesa

No 4º trimestre de 2025, as exportações portuguesas recuaram 2,8% face ao período homólogo. Estas variações resultaram, sobretudo, do comportamento dos **Combustíveis e lubrificantes**, que diminuíram 45,4%.

Em termos anuais, as exportações aumentaram 0,5% face ao ano anterior. O mercado que mais contribuiu para este acréscimo foi a **Alemanha**, que se manteve como o 2º principal destino dos bens nacionais sendo maioritariamente **Fornecimentos industriais** que, em grande medida, resultaram de transações sem transferência de propriedade. **Espanha** manteve-se como o principal destino das exportações nacionais em 2025, com um peso de 26,0%.

Por sua vez, o mercado que mais penalizou as exportações nacionais em 2025 foi o dos **Estados Unidos**, com um decréscimo de 13,4% face ao ano anterior (-715 milhões de euros), devido essencialmente à diminuição dos **Combustíveis e lubrificantes**.

Em termos de categorias de produtos, em **dezembro de 2025**, destacou-se o forte decréscimo das exportações de **Combustíveis e lubrificantes** (-24,2%), refletindo reduções em volume e nos preços e associado à paragem de unidades da refinaria nacional nos últimos meses do ano. Registou-se, igualmente, uma diminuição das exportações de **Material de transporte (-8,7%)**, sobretudo nos **Automóveis de passageiros com destino ao Reino Unido**.

De notar ainda a redução de exportações para os **Países Baixos (-20,7%)**, essencialmente nas categorias de **Fornecimentos industriais e Combustíveis e lubrificantes**.

Em sentido contrário, destacam-se os acréscimos das exportações para a França e, também Ucrânia, evidenciando-se, em ambos os mercados, as transações de **Veículos e outro material de transporte**.

Em 2025, as importações nacionais atingiram 111 412 milhões de euros, refletindo um aumento de 4 169 milhões de euros face ao ano anterior. O mercado que mais contribuiu para este acréscimo das importações portuguesas foi o **espanhol, com um peso de 32,9%**. As importações do país vizinho aumentaram 3,9% em 2025, com acréscimos em quase todas as categorias de produtos, destacando-se os **Bens de consumo**.

Destaque ainda para o **Brasil**, tendo as importações com origem neste mercado recuado 27,9% em 2025 reflexo, essencialmente, da diminuição na categoria de Combustíveis e lubrificantes, quer em quantidades transacionadas, quer nos preços.

2. Análise do Setor Elétrico e Eletrónico

JANEIRO / DEZEMBRO 2025

SUBSETORES	SAIDAS (EXPORTAÇÃO)		Δ %	ENTRADAS (IMPORTAÇÃO)		Δ %
	2025	2024		2025	2024	
Máquinas, Equip. e Apar. Industrial	897 484 795	670 221 027	34%	1 134 717 985	1 123 699 818	1%
Fios e Cabos Isolados	860 194 804	780 549 562	10%	386 110 097	378 698 524	2%
Cablagens	347 121 426	337 049 452	3%	394 785 202	367 132 274	8%
Aparelh, Sist. Medição e Autom.	87 135 559	54 915 930	59%	147 251 587	155 070 162	-5%
Telecom, Eletrónica Prof e Inform.	924 329 620	879 769 056	5%	2 474 041 197	2 281 535 435	8%
Componentes Eletrónicos	890 854 371	824 476 191	8%	2 286 920 588	2 231 129 946	3%
Acumuladores e pilhas	173 543 114	130 583 881	33%	356 553 728	292 934 737	22%
Lâmpadas e material p/ Iluminação	6 850 183	6 993 430	-2%	49 988 081	30 483 577	64%
Aparelhagem Ligeira de Instalação	523 334 864	557 247 099	-6%	676 786 430	634 868 015	7%
Eletrónica de Consumo	311 093 490	1 662 822 534	-81%	610 303 248	975 235 118	-37%
Eletrrodomésticos	364 467 514	368 243 831	-1%	985 414 536	923 800 436	7%
TOTAL	5 386 409 740	6 272 871 993	-14%	9 502 872 679	9 394 588 042	1%

Fonte: INE- N°s Provisórios

2.1 Exportação de Equipamento Elétrico e Eletrónico por Subsetor

O quarto trimestre não introduz alterações significativas ao cômputo geral das exportações do Setor ao longo do ano, onde se verifica uma queda de -14% em termos homólogos, concentrada nos subsectores da **Eletrónica de Consumo (-81%)** e da **Aparelhagem Ligeira de Instalação (-16%)**.

Sobre o comportamento dos restantes subsectores:

Componentes eletrónicos, excluído das tarifas, recuperou no seu crescimento (8%) em termos homólogos, tal como as **Cablagens (3%)**, que haviam sofrido com a implementação de uma tarifa de 25% sobre todos os automóveis e peças automotivas importadas pelos EUA, mostrando resiliência e adaptabilidade no setor automóvel.

Telecom, Eletrónica Prof e Informática recuperou, crescendo 5% em termos homólogos, mostrando que 2025 foi um bom ano para o setor tecnológico também em Portugal.

Máquinas, Equip. e Apar. Industrial continuou a crescer (34%), ainda que o seu ritmo tenha abrandado ao longo do ano.

Com um crescimento estabilizado em termos homólogos e ligeiramente superior neste quarto trimestre, temos **Acumuladores e Pilhas (33%)** e **Fios e Cabos Isolados (10%)**. Em conclusão, o quarto trimestre não trouxe alterações relevantes face aos trimestres anteriores, o que era expectável num cenário de reajustamento na indústria.

2.1.1 Exportação por Zonas Económicas e Países Clientes

Em termos geográficos, a diminuição das exportações do Setor verifica-se maioritariamente nas vendas para os EUA (-10,8%) e países da EFTA (-8,7%).

Relativamente aos outros subsetores, o crescimento das vendas ocorre para **Países Terceiros (12,7%)** e **UE (4,5%)**, mas também para o **Sudeste Asiático (37%)**, num esforço visível de diversificação. Como resultado deste esforço de diversificação bem sucedido, o peso da UE enquanto zona geográfica diminuiu ligeiramente.

Dentro da UE, destaque para o crescimento em termos homólogos das exportações para os principais parceiros como a **Alemanha (6%)**, **França (9%)** e **Itália (10%)**; excepção feita à Espanha, que apesar de se manter o segundo maior parceiro, acusou uma quebra de vendas anual de -3%; nota positiva ainda para países com menor peso cômputo global, mas para os quais as vendas tendem a crescer, como a Holanda (33%) e República Checa (23%).

Os países com peso razoável que acusam mais abrandamento enquanto países de destino são a **Suécia (-20%)** e **Reino Unido (0%)**.

Nota muito positiva para a recuperação dos **PALOPs (7,8%)**, onde as exportações para **Angola (20,5%)** marcaram mais uma vez a diferença.

No grupo Asiático, cujo crescimento nas vendas de **37%** representa uma subida de + 1pp no seu peso no total das exportações, observa-se o maior crescimento homólogo de exportações para **Taiwan (86,3%)**, - ultrapassando a China como principal destino de exportações. O terceiro maior mercado em valor é **Singapura**, com crescimento em termos homólogos de 40,6%.

2.2 Importação de Equipamento Elétrico e Eletrónico por Subsetor

O crescimento global das Importações do Setor no ano 2025 em termos homólogos manteve-se em 1%, o que significa que o quarto trimestre não trouxe grande impacto face ao trimestre anterior.

Este crescimento moderado esconde grandes disparidades entre subsetores. No caso de **Máquinas, Equip. e Apar. Industrial (1%)** e **Fios e Cabos Isolados(2%)** e **Cablagens (8%)**, será o efeito combinado da estabilização/queda dos preços unitários internacionais, procura interna moderada (quer na modernização industrial, quer no consumo eletrónico) e normalização de stocks, após volumes elevados no pós-pandemia, o que explica o crescimento moderado.

O grande desequilíbrio no valor global (1%) é ainda atribuído ao forte decréscimo de **Eletrónica de Consumo (-37%)**, categoria que, segundo dados oficiais de estatísticas de vendas no retalho em Portugal, tem crescido muito modestamente em termos homólogos nos últimos meses.

Outros subsetores como **Telecom, Eletrónica Prof e Inform. (8%)** **Aparelhagem Ligeira de Instalação (7%)** e **Acumuladores e Pilhas (22%)**, **Eletrodomésticos (7%)**, com grande peso no total, revelam uma dinâmica de consumo bastante satisfatória, pelo que o valor global de 1% é na verdade pouco representativo da média setorial.

2.2.1 Importações do Setor por Zonas Económicas e Países de Origem

O comportamento das importações em termos geográficos tem subjacente uma **reorganização das compras às zonas geográficas de países de origem**: +1,6% da UE, +13% de importações dos EUA, +14,7% a Países Terceiros e -4,9% de compras ao Sudeste Asiático;

Já aqui se falou da reconfiguração das cadeias globais de valor (*reshoring e friend-shoring*) para diversificar fornecedores e aproximar a produção de mercados considerados “seguros”, importando mais de UE, EUA e Países Terceiros, na tentativa de reduzir a dependência do Sudeste Asiático (sobretudo da China).

Os incentivos e políticas industriais norte-americanas são outra razão. As empresas japonesas e europeias estão a importar mais tecnologia, componentes e maquinaria dos EUA, uma vez que agora existe capacidade produtiva doméstica reforçada e subsídios que tornam os produtos americanos mais competitivos. Isso também explica uma transferência de fluxos comerciais do Sudeste Asiático para os EUA.

Dentro dos países do **Sudeste Asiático**, verifica-se a tentativa de redução de dependência da China (-5,6%) e **Taiwan (-3,7%)** e mais recentemente **Singapura (-1,9%)**.

Dentro da UE, ocorrem diminuições nas compras à **Alemanha (-1%) e França (-3%) e Itália (-4%)**, sendo Espanha (5%) e Holanda (5%) parceiros atualmente preferenciais.

3. Perspetivas

PIB	2026	2027(p)
Mundo	3,3	3,2
EUA	2,4	2,0
UE – Zona Euro	1,3	1,4
Alemanha	1,1	1,5
França	1,0	1,2
Itália	0,7	0,7
Espanha	2,3	1,9
Reino Unido	1,3	1,5
PORTUGAL	1,9	2,1
Brasil	1,6	2,3
China	4,5	4,0
India	6,4	6,4
Japão	0,7	0,6
Rússia	0,8	1,0

Fonte: WEO FMI – Janeiro 2026

O FMI estima que a economia mundial cresça cerca de 3,3% em 2026, um ritmo próximo do registado em 2025. Esta evolução reflete a maior robustez de algumas economias avançadas, o dinamismo continuado de várias economias emergentes e uma normalização gradual das condições financeiras globais.

O FMI antecipa uma continuação do processo de desinflação, com a inflação global a situar-se em torno de 3,8% em 2026, explicada sobretudo pela estabilização dos preços da energia, melhoria das cadeias de abastecimento e pelo efeito acumulado de políticas monetárias restritivas.

Nos EUA, o FMI projeta um crescimento económico moderado, na ordem dos 2,3% a 2,4% em 2026, que continua a beneficiar de um consumo privado resiliente e de um forte investimento em tecnologia, digitalização e inteligência artificial. No entanto, subsistem riscos associados ao elevado nível das taxas de juro, ao endividamento público e a eventuais ajustamentos na política fiscal e comercial.

Para Portugal, a evolução da economia dos EUA é particularmente relevante, uma vez que este mercado tem vindo a ganhar peso nas exportações portuguesas, sobretudo em bens industriais, agroalimentares e serviços de valor acrescentado.

Na União Europeia e, em particular, na zona euro, o crescimento deverá manter-se mais contido em torno de 1,3% em 2026, refletindo fragilidades estruturais, níveis de investimento ainda moderados e um ajustamento mais lento da procura interna. Um crescimento fraco em parceiros como a Alemanha, França ou Itália poderá limitar o dinamismo das exportações portuguesas, sobretudo nos setores automóvel, metalomecânico e de componentes industriais, ainda que a estabilização da inflação e dos custos energéticos possa melhorar a competitividade externa.

A China deverá manter uma trajetória de crescimento mais moderada (4% a 4,5% em 2026). Para Portugal, o impacto direto é mais limitado do que noutros mercados, mas uma desaceleração maior da economia

chinesa poderá afetar indiretamente a procura global e os preços de matérias-primas, com reflexos no comércio internacional.

Para além da Índia, o Sudeste Asiático oferece um conjunto de economias com crescimento superior à média mundial, forte integração nas cadeias globais de valor e crescente procura por bens, serviços e tecnologia. Vietname, Indonésia, Filipinas, Malásia, Tailândia e Singapura destacam-se como os mercados com melhores perspectivas, representando oportunidades relevantes para a diversificação do comércio internacional português no médio prazo.

Relativamente à América Latina, o FMI antecipa um crescimento moderado, com destaque para o Brasil (1,6%) mas que pode sustentar oportunidades comerciais para Portugal, em particular nos setores industrial, energético e dos serviços, apesar dos riscos cambiais e macroeconómicos.

Para Portugal, o enquadramento internacional delineado pelo FMI sugere um contexto de crescimento externo moderado, mas relativamente estável. As oportunidades residem sobretudo na diversificação de mercados, no reforço das exportações para economias com maior dinamismo, como os EUA, alguns países asiáticos e africanos, e na valorização de setores com maior conteúdo tecnológico e valor acrescentado. Em contrapartida, a elevada dependência do mercado europeu e a exposição a choques externos continuam a justificar uma estratégia prudente e orientada para a competitividade e inovação no comércio internacional.

Serviço de Economia e Associativismo
ANIMEE